



VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS DA UFPB

JUSTIÇA DE TRANSIÇÃO: DIREITO À JUSTIÇA, À MEMÓRIA E À VERDADE

BOAS-VINDAS

É com enorme satisfação que abro hoje os trabalhos do VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS da UFPB sobre “Justiça de Transição: direito à justiça, à memória e à verdade”.

O evento é promovido por vários órgãos da UFPB – entre eles, os Programas de Pós-Graduação em Direitos Humanos do Centro de Ciências Humanas e do Centro de Ciências Jurídicas - em parceria com a Comissão da Anistia do Ministério da Justiça, que vai realizar aqui a 64ª Caravana da Anistia do Ministério da Justiça e a Cátedra UNESCO de Direitos Humanos e violência, que vai realizar o encontro anual da rede de universidades que a compõem.

O tema deste ano não poderia ser mais oportuno, porque este é o primeiro ano da Comissão Nacional da Verdade instituída pelo Parlamento brasileiro a pedido da presidenta Dilma Rousseff. Trata-se da Justiça de transição, nas suas várias dimensões: de justiça em sentido estrito, de memória e verdade e de reparação, nos processos de transição das ditaduras para a democracia em América Latina.

O seminário acontece num momento histórico e geopolítico relevante para a região e da integração latino-americana, sobretudo da América do Sul. A América Latina viveu, durante a guerra fria, a onda de ditaduras militares que se espalhou pelo continente e depois disso um processo de democratização de corte neoliberal que aprofundou as desigualdades sociais. Finalmente, em esta última década, pela primeira vez em sua história, a região como um todo tem a chance de superar o histórico desencontro entre a liberdade e a igualdade; promovendo, ao mesmo tempo, as liberdades democráticas e as garantias individuais, conjugadas com um desenvolvimento sustentável, a diminuição das desigualdades e o resgate da dívida social.

É neste contexto de integração que se insere a justiça de transição, com um aspecto essencial do processo de democratização da sociedade e do

Estado. Quando, como no caso do Brasil e de outros países da América Latina este processo não se conclui satisfatoriamente as consequências são gravíssimas.

A “herança maldita” da ditadura que mais pesa sobre o Brasil e a América Latina hoje é o recrudescimento da violência e o aumento da (in)segurança pública.

O Brasil é um dos poucos países que passaram de regimes ditatoriais para regimes democráticos na América latina e no mundo, que não promoveu uma verdadeira “justiça de transição”. Uma vez mais, a transição foi “pactuada pelo alto” e as consequências são mais evidentes no sistema de segurança pública, onde prevalece uma mentalidade ainda fortemente militarizada, que prefere a repressão e a truculência, à prevenção e à inteligência no enfrentamento ao crime. Os resultados desastrosos dessa política estão sob os olhos de todos.

Por isso, estamos aqui reunidos, sociedade civil e Estado, não para fazer revisionismo histórico ou revanchismo, mas para denunciar as atrocidades do passado, e evitar que se repitam NUNCA MAIS É O NOSSO LEMA!

Queria ressaltar, neste contexto, o excelente trabalho realizado pela Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, presidida pelo Dr. Paulo Abrão e aqui representada pela Dra. e amiga Sueli Bellato, companheira de lutas aqui no Brejo paraibano nos anos 80, na época de Dom Marcelo Carvalheira e de Dom José Maria Pires e da irmã Valéria Rezende, personalidades que serão homenageadas neste seminário.

Amanhã teremos a oportunidade de apreciar o trabalho da Comissão de Anistia: baste pensar que esta é a 64ª caravana e que já foram analisados mais de 70.000 processos. E não se trata somente de uma reparação financeira das vítimas das torturas e atrocidades, mas também e sobretudo de um reconhecimento ético-político do Estado brasileiro que assume as suas culpas e responsabilidades.

A trágica experiência das ditaduras demonstra que os direitos e as garantias fundamentais não são burguesas, mas pertencem a toda a humanidade: a democracia, ou a democratização, é um valor universal como dizia Carlos Nelson Coutinho (recentemente falecido) retomando uma famosa afirmação do antigo líder do Partido Comunista italiano Enrico Berlinguer.

Recordar coletivamente esta memória, elaborar coletivamente o luto junto com os familiares das vítimas, reparar as ofensas à vida e à dignidade humanas, restaurar a verdade e a memória histórica, educar para o nunca mais, são todos exercícios necessários para a consolidação de uma sociedade mais justa e democrática.

Como dizia uma militante do grupo Tortura nunca mais, quando se tortura uma pessoa se tortura com ela toda a humanidade! E nos todos sabemos que, neste exato momento, em delegacias, prisões, e outros aparelhos repressivos, alguém está sendo torturado, submetido a tratamentos cruéis e desumanos.

Devemos dar um basta a esta barbárie cotidiana e a este ciclo de violência sem fim! O crescimento absurdo da violência incontrolada pode jogar a perder tudo que conquistamos até hoje. A população jovem, pobre e negra das periferias está sendo dizimada e o restante dos cidadãos vive sob constante ameaça aos direitos fundamentais à vida, à propriedade, à liberdade de locomoção.

Essa é a grande esfinge que a sociedade brasileira tem que decifrar para não ser devorada! É um problema tão grave que precisa ser enfrentado com coragem e determinação por todos: situação ou oposição, Estado e sociedade civil, esferas federais, estaduais ou municipais, com o aporte dos intelectuais, dos pesquisadores, dos profissionais de segurança, dos movimentos sociais, de todos os cidadãos. O Brasil precisa com urgência (re)fazer o pacto social pela segurança pública e pela vida!.

AGRADECIMENTOS

Queria para terminar com alguns agradecimentos

Estão presentes cerca de 30 pessoas convidadas de todo o Brasil, de outros países da América Latina, Chile, Argentina, Uruguai, Colômbia e Peru e de vários países da Europa: Itália, França e Espanha; todos com ampla experiência teórica e prática sobre o tema.

Queria dar as boas-vindas a todos, especialmente aos convidados que vieram de fora do nosso Estado, às vezes de muito longe, que enfrentaram longas viagens: sejam bem-vindos e aproveitem do clima natural e humano dos paraibanos e das paraibanas que são um povo muito acolhedor.

Queria agradecer o magnífico trabalho da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça que colocou toda a sua experiência e grande parte dos recursos para a realização do evento, em nome de Sueli Bellato, vice-presidente da Comissão.

Queria agradecer aos amigos e colegas da Cátedra UNESCO, em nome de Marcela Gutierrez, da Universidade Externado da Colômbia.

Queria agradecer aos representantes do Governo de Estado da Paraíba e da prefeitura municipal de João Pessoa, pelo apoio.

Queria agradecer aos professores, alunos e funcionários da UFPB especialmente do Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos.

No nome da nossa querida professora Maria de Nazaré Zenaide e da nossa secretária Eliene Cavalcanti queria agradecer a todos aqueles que trabalharam diuturnamente e voluntariamente, sem medir esforços, horários e dedicação para o bom êxito deste seminário.

Vocês podem imaginar quanto trabalho foi preciso para realizar um evento deste porte: e desde já pedimos desculpas por eventuais falhas de organização que sempre acontecem nestas circunstâncias.

O Seminário possui uma programação extremamente rica e variada: Grupos de trabalho e reunião da cátedra UNESCO que se realizaram no dia de hoje, conferências de abertura e de encerramento, 6 mesas redondas, projeção do filme “Repare bem”, que conta a trajetória de uma pessoa perseguida pela ditadura e que é a primeira vez que será exibido em público, uma peça de teatro do Grupo paraibano Alfenim muito apreciada pela crítica e pelo público, atividades culturais e lançamentos de livros sobre o tema.

Desejamos a todos que possam desfrutar de toda a programação, sobretudo aos mais jovens, que não viveram este período sombrio da história recente do Brasil.

Estamos aqui hoje num campus universitário livre e autônomo, mas não podemos esquecer que uma geração atrás esta universidade foi invadida pelos militares, que professores e alunos foram demitidos, presos, exilados, perseguidos, mortos: a eles devemos a nossa liberdade e a eles prestaremos a nossa homenagem durante o evento.

TORTURA, VIOLÊNCIA, DITADURAS NUNCA MAIS
QUE VIVA A DEMOCRACIA E OS DIREITOS HUMANOS

Obrigado

João Pessoa, UFPB 20.11.2012

Giuseppe Tosi